

Leidiane Maria da Silva Leonardo
Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Contato:
<leiddianne@hotmail.com>

Palavras-chave:
Colonização; necropolítica; Racionais Mc's; violência; vidas negras.

Keywords: Colonization; necropolitics, Racionais Mc's, violence, black lives.

DA COLÔNIA À NECROPOLÍTICA: UM RAIOS X DO BRASIL

Resumo: O rap, ao longo da primeira década de sua evolução, firmou-se como uma arte pensada e produzida das periferias para as periferias. Nesse contexto, o grupo Racionais Mc's consagrou-se como expoente na arte de resistir por meio das rimas, trazendo à tona, denúncias de uma realidade corrosiva, fruto de uma violência estrutural e estruturante, exímia na arte de reinventar-se. O presente ensaio visa refletir acerca das possíveis aproximações entre a obra produzida pelo grupo e o pensamento dos intelectuais Frantz Fanon e Achille Mbembe. Qual o impacto do tempo nas feridas sociais que se assumem curadas? O quão longe estamos, afinal, do colonizador?

Abstract: Rap, along its first evolution decade, established itself as an art model produced from the peripheries to the peripheries. In this context, the group Racionais Mc's consecrated itself as an exponent in the art of resisting through rhymes, bringing to light accusations of a corrosive reality, resultant of a structural and structuring violence that seems to be an expert in the art of reinventing itself. This essay aims to reflect on the possible similarities between the work produced by the group and the thoughts of the intellectuals Frantz Fanon and Achille Mbembe. What is the impact of time on the social wounds that are assumed to be healed? How far are we, after all, from the colonizer?

Aos negros e aos donos da terra, que há séculos veem-se obrigados a permanecer na linha de frente da luta pela existência.

RACIONAIS MC'S: A FÚRIA NEGRA RESSUSCITA OUTRA VEZ

"A mudança acontece onde você menos espera, mas é lá que tem que acontecer" (Mano Brown, 2017). Nos anos 80, ela veio sob as vozes de quatro jovens: Edi Rock, K1 Jay, Ice Blue e Mano Brown. Nascidos nas periferias paulistas e expostos desde cedo à violência do sistema, o grupo captou as profundas implicações de existir como parcela antagonista da cena social, narrando a partir do desafio de ser negro no Brasil, não unicamente a face violenta da opressão, mas também, o viés das inúmeras tentativas de resistir a um Estado que se propõe mortífero e perverso. Sua obra, nesse sentido, é um convite aberto ao entretenimento e à reflexão:

"Usando e abusando da nossa liberdade de expressão

Um dos poucos direitos que o jovem negro ainda tem nesse país

Você está entrando no mundo da informação,

Autoconhecimento, denúncia e diversão

Esse é o Raio X do Brasil, seja bem-vindo"

(RACIONAIS Mc's, Raio X do Brasil, 1993)

Aceitando a convocação do grupo, este ensaio dedica-se a analisar a poética de suas letras, à luz dos pensadores Frantz Fanon e Achille Mbembe. Partindo de reflexões acerca do colonialismo e da necropolítica, procuro compreender as dinâmicas da própria sociedade brasileira em relação ao corpo negro em seus espaços, entendendo que, diante do intenso e retrógrado discurso negacionista que cresce em nossos tempos, a reivindicação de narrativas historicamente apagadas e o combate às velhas estruturas de poder, habitam não somente o campo do necessário, mas a esfera do que é vital.

FRANTZ FANON: DESDE O INÍCIO, POR OURO E PRATA

"Desde cedo a mãe da gente fala assim:

'filho, por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor'

Aí passado alguns anos eu pensei:

Como fazer duas vezes melhor, se você 'tá pelo menos cem vezes atrasado?

Pela escravidão, pela história, pelo preconceito, pelos traumas, pelas psicoses...

Por tudo que aconteceu

Duas vezes melhor como? [...]

Quem inventou isso aí? "

(RACIONAIS Mc's, A vida é desafio, 2006)

A resposta que a obra do psiquiatra, filósofo e intelectual Frantz Fanon daria à pergunta de Mano Brown, certamente envolveria o colonialismo e seus efeitos devastadores aos colonizados. Em sua obra, *"Pele Negra, Máscaras Brancas"*, originalmente publicada em 1952, ao afirmar que "a civilização branca [e] a cultura europeia impuseram ao negro um desvio existencial" (FANON, 2008, p. 30), o autor retrata a dificuldade de aceitação do corpo negro, em primeiro lugar, como humano (já que a humanidade era, então, atributo único e exclusivo do branco) e em segundo lugar como belo, uma vez que a beleza, do mesmo modo, residia em traços que um negro por natureza não possuía.

A exemplificação do pensamento de Fanon pode facilmente localizar-se nas falas de Mano Brown, quando este, em entrevista concedida ao *Le Monde Diplomatique Brasil*, em 2017, expôs a dificuldade de autoaceitação experienciada por ele e seus amigos

enquanto cresciam nos anos 70: “as pessoas não gostavam de si mesmas, [tinham] vergonha do cabelo, dos costumes”. Nesse sentido, como aponta Fanon, ao estabelecer o branco como norma, o europeu reduz a inteireza multifacetada do ser humano a uma cor: “Quando me amam, dizem que o fazem apesar da minha cor. Quando me detestam, acrescentam que não é pela minha cor... Aqui ou ali, sou prisioneiro [desse] círculo infernal” (FANON, 2008, p. 109). Trago, então, um excerto da música *Negro Drama*, de 2002, que atualiza sob outro viés temporal, o mesmo fato: o negro permanece refém da pigmentação de sua pele:

“Você sai do gueto, mas o gueto nunca sai de você [...]”

Cê ‘tá’ dirigindo um carro

O mundo todo ‘tá’ de olho em você, morou?

Sabe por quê? Pela sua origem, pela sua cor

É desse jeito que você vive, é o negro drama

Eu não li, eu não assisti

Eu vivo o negro drama, eu sou o negro drama

Eu sou o fruto do negro drama”

(RACIONAIS Mc’s, Negro Drama, 2002)

Busco demonstrar com tais aproximações, que mesmo que o colonialismo pareça um sistema irrevogavelmente distante aos olhos da sociedade do século XXI, entendida como a “sociedade das oportunidades”, é preciso compreender que por trás de nossa aparente democracia, há uma implacável tentativa de negar a profundidade das marcas deixadas pela lógica de outrora, bem como de suas implicações racistas, bases para a construção de camadas sociais que não dizem apenas de um status socioeconômico, mas do valor da própria vida.

A NECROPOLÍTICA DE MBEMBE: A SOBREVIVÊNCIA É UM CAMPO MINADO

Sabemos que não é raro que a ausência do Estado seja vista como um erro, uma inexatidão não programada dos sistemas políticos vigentes. Para o intelectual, historiador e filósofo Achille Mbembe, no entanto, trata-se de um projeto de poder arquitetado e cuidadosamente implantado, segundo o qual vidas humanas, uma vez que não se encontram na mesma categoria, não possuem *um* mesmo valor. Logo, a recusa de garantias básicas de sobrevivência passa a ser, não um defeito, mas um plano mutável de aniquilamento de determinadas populações, cujas adaptações serão feitas de acordo com as dinâmicas de cada momento.

Fundamentado em autores como Foucault, Agamben, Georges Bataille e o próprio Frantz Fanon, Achille Mbembe dialoga com os conceitos de biopoder¹, soberania² e estado de exceção³. Defende que, além do domínio da vida, compreendido pelo biopoder de Foucault (2005), há outro campo igualmente importante da dominação que será, inclusive, a chave para que um Estado exerça plenamente sua soberania: o domínio da morte. O objetivo desta seção é pensar as dinâmicas necropolíticas do Brasil

e compreender, a partir das narrativas empregadas pelo grupo Racionais Mc’s, de que modos o necropoder opera em nosso país. Que relações se estabelecem para que a morte dos corpos negros seja um evento tão corriqueiro e banalizado?

No ensaio⁴ em que cunha o termo necropolítica, Mbembe (2016) o conceitua como “as formas contemporâneas que subjugam a vida ao poder da morte”. Propõe que, a partir do que chamou de “formação específica do terror” ou necropoder, cada contexto produzirá seus próprios mecanismos de sistematização da morte e implementará as tecnologias responsáveis por definir do ponto de vista prático, *como* aquelas vidas previamente estabelecidas como “matáveis”, devem ser eliminadas. Partindo da ideia de que o exercício da soberania, do direito de matar, torna indispensável que se estabeleçam imaginários que legitimem e (re)produzam práticas violentas, me proponho a pensar, com base em um pequeno fragmento da canção *Racistas Otários*, de 1990, sobre o que Mbembe (2016) considerou um dos mais presentes imaginários culturais da modernidade: o inimigo comum.

“Enquanto você sossegado foge da questão [da discriminação]

Eles circulam na rua com uma descrição

Que é parecida com a sua

Cabelo, cor e feição

Será que eles veem em nós um marginal padrão?”

(RACIONAIS Mc’s, Racistas Otários, 1990)

É possível responder categoricamente que “sim” à pergunta entoada pela canção. Se considerarmos que, para Mbembe, a construção de um inimigo coletivo implica no reconhecimento “da existência do outro como um atentado, [...] uma ameaça mortal ou perigo absoluto, cuja eliminação biofísica reforçaria o potencial para minha segurança” (MBEMBE, 2016), vemos que no Brasil, a construção desse “outro ameaçador” passa invariavelmente pela figura do negro, que, associado à ideia do “marginal padrão”, tem sua identidade criminosa preestabelecida pelo cabelo, pela cor e pelas feições. Com um excerto da canção *Pânico na Zona Sul*, também de 1990, busco ilustrar como a invenção de um antagonista social a ser combatido procura justificar as práticas de um Estado ausente:

“O medo, sentimento em comum no lugar

Que parece sempre estar esquecido

Desconfiança, insegurança [...]

Pois já se tem a consciência do perigo

Mal te conhecem e consideram um inimigo

[...] Justiceiros são chamados por eles mesmos

Matam, humilham e dão tiros a esmo

E a polícia não demonstra sequer vontade

1 “Tecnologia do poder sobre a ‘população’ enquanto tal, sobre o homem enquanto ser vivo; um poder contínuo, científico, que é o poder de ‘fazer viver’” (FOUCAULT, 2005, p. 294).

2 “Reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (MBEMBE, 2016, p. 123).

3 “Suspensão (total ou parcial) do ordenamento jurídico” (AGAMBEN, 2004, pg 39).

4 Originalmente publicado no ano de 2003.

De resolver ou apurar a verdade

Pois simplesmente é conveniente

E por que ajudariam se nos julgam delinquentes?

E as ocorrências prosseguem sem problema nenhum

Continua-se o pânico na Zona Sul.

(RACIONAIS MC'S, Pânico na Zona Sul, 1990)

A reflexão do grupo nos aponta que, uma vez compreendida como fonte de perigo iminente, a recusa de direitos básicos à parcela negra e periférica da população torna-se socialmente legitimada. Nesse sentido, já não basta que “apenas” o sistema de segurança pública seja treinado para pensar o negro como inimigo, mas que toda a sociedade reproduza, em alguma medida, a perpetuação desse imaginário dentro de suas microrrelações. Temos, nesse cenário seccionado pelo racismo, pela desigualdade e pela renegação de direitos; faces do estado de exceção e das políticas de inimizade que Mbembe (2016) considerou “base[s] normativa[s] do direito de matar”. O corpo negro permanece tal qual um alvo, posicionado sob a mira opressora de olhares, armas, câmeras e demais tecnologias necropolíticas que visam seu extermínio:

“Então, a velha história outra vez se repete

Por um sistema falido

Como marionetes nós somos movidos

E há muito tempo tem sido assim

Nos empurram à incerteza e ao crime, enfim

Por aí certamente estão se preparando

Com carros e armas nos esperando

E os poderosos bem seguros, observando

O rotineiro holocausto urbano

O sistema é racista, cruel

Levam cada vez mais

Irmãos aos bancos dos réus”

(RACIONAIS Mc's, Racistas Otários, 1990)

Desse viés, procuro compreender o “holocausto urbano” cantado por Mano Brown, como consequência direta do próprio sistema capitalista. Partindo de uma análise da obra *“Crítica da Razão Negra”*, originalmente publicada por Mbembe em 2013, é possível assumir que a gestão da morte do corpo negro, sempre esteve atrelada às relações econômicas ligadas à sua força de trabalho. Para o autor, no entanto, com a evolução do capitalismo e do mundo globalizado, ascende a um cenário em que a mão de obra negra deixa de ser útil ao capital e, por tornar-se incapaz de incorporar-se ao mercado, terá como resposta do sistema, entre outras sentenças, a morte.

Para Franciele Cardoso (2018) “é nesse sentido que a lógica do capital se expressa na questão racial; o genocídio é uma solução para controlar e eliminar uma massa sem função”. Logo, é possível pensar no encarceramento, nos subempregos e em condições de vida precárias, como ferramentas necropolíticas que objetivam criar o que Mbembe chamou de “mundos de morte”, responsáveis por produzir “formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de ‘mortos-vivos” (MBEMBE, 2016). Proponho-me a refletir, então, sobre como tais realidades se constroem como verdadeiros palcos para a destruição:

“Crianças, gatos, cachorros disputam palmo a palmo

Seu café da manhã na lateral da feira

Molecada sem futuro, eu já consigo ver

Só vão na escola pra comer, apenas, nada mais

Como é que vão aprender sem incentivo de alguém?

Sem orgulho e sem respeito, sem saúde e sem paz?”

(RACIONAIS MC'S, Homem na Estrada, 1993)

Quais as reais chances de escapar da morte em um contexto que tão eficazmente produz formas de morrer? O excerto acima nos aponta para a dificuldade de superar as estruturas de um sistema que limita para aprisionar, seja na miséria, seja nas celas. Compreender que a necropolítica pressupõe a desigualdade e a “instituição de direitos diferentes, para diferentes categorias de pessoas [...] no interior de um mesmo espaço” (MBEMBE, 2016) é captar a realidade de um Brasil que se apresenta sob distintas faces a cada parcela de sua população. Em tempos nos quais impera a falácia do discurso meritocrático e neoliberal, é preciso combater a permanente intenção de que velhas posições de supremacia se mantenham intocadas, partindo da consciência de que a própria possibilidade de escolha é, para muitos, um privilégio. Afinal, quando a recusa de tudo o que é básico parece ser a norma, torna-se fundamental reconhecer que os caminhos de uma vida não se definem exclusivamente pelo império da vontade, mas sobretudo, do poder.

“NÃO É CONTO NEM FÁBULA, LENDA OU MITO”

Aos não raros leitores que, munidos de um discurso negacionista, classificariam como obsoleta a discussão aqui proposta, apresento nesta seção, um excerto de *“Os condenados da Terra”*, obra originalmente publicada em 1961, na qual Fanon descreve a vida reservada aos colonos durante as invasões europeias. Busco, assim, retomar a discussão iniciada na seção anterior, analisando da perspectiva da construção dos espaços, as raízes históricas do acúmulo de violências sobre os corpos negros. Partindo da comparação entre o hoje e o ontem, o quanto podemos afirmar que para estes corpos, o mundo não apresenta, ainda, os traços desumanizados de outrora?

"A cidade pertencente ao povo colonizado, ou pelo menos a cidade dos nativos, dos negros [...] é um lugar de má fama, povoado por homens de má reputação. Eles nascem lá, pouco importa onde ou como; eles morrem lá, não importa onde, nem como. É um mundo sem espaço; homens moram ali, um em cima do outro, e suas cabanas são construídas uma em cima da outra. A cidade dos nativos é uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade dos nativos é uma vila agachada, uma cidade ajoelhada, uma cidade chafurdando na lama" (FANON, 1963, p. 38, Tradução Nossa)

Se é evidente que a descrição de Fanon refere-se a um mundo de faltas, caracterizado por constantes recusas, a amplitude de tais recusas pode não ser tão evidente. Na cidade do colonizado, nega-se aos sujeitos, não exclusivamente o acesso às estruturas do âmbito físico, mas a possibilidade de que acessem aos símbolos e crenças que os constituem enquanto humanos. A barbárie europeia se dá, nesses moldes, a partir da constante tentativa de apagamento e deslegitimação da singularidade dos povos "conquistados". O mundo passa a ser, então, um espelho incapaz de refletir humanidade à outra figura, que não a do branco. Nesse sentido, "todo esforço é realizado para levar a pessoa colonizada a admitir a inferioridade de sua cultura, [...] e no último extremo, o caráter confuso e imperfeito de sua própria estrutura biológica" (FANON, 1963, p. 236, tradução nossa).

Temos assim, na desumanização imposta pelas engrenagens racistas e genocidas da exploração colonial, as bases da própria contemporaneidade. Desse viés, é preciso admitir o sucesso da sociedade brasileira em herdar, de modo especial, a ideia de espaços estruturados na miséria e na presença de corpos menosprezados. Com o objetivo de analisar tais espaços como o pódio do necropoder, ou, tal qual sugere Mbembe, a "matéria-prima da soberania e da violência" (MBEMBE, 2016), apresento um breve trecho da canção *Homem na Estrada*, de 1993, e proponho ao leitor que reflita acerca da possibilidade de encaixar tais descrições no Brasil do século XXI.

"Equilibrado num barranco, um cômodo mal-acabado e sujo

Porém, seu único lar, seu bem e seu refúgio

Um cheiro horrível de esgoto no quintal

Por cima ou por baixo, se chover será fatal

Um pedaço do inferno aqui é onde eu estou

Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou [...]

Amanhece mais um dia e tudo é exatamente igual

Calor insuportável, 28 graus

Faltou água, já é rotina, monotonia

Não tem prazo pra voltar, hál - Já fazem cinco dias"

(RACIONAIS MC'S, *Homem na Estrada*, 1993)

Uma vez proposto o exercício de ilustrar com cenas do cotidiano brasileiro, os abandonos narrados pela canção, o fato é que nenhum de nós teria grandes dificuldades em dar vida ao que foi dito: casas que, equilibradas sobre a instabilidade do solo, parecem ser uma metáfora para a incerteza que ronda a própria existência. Afinal, em um país em que 75,5% do total de mortes tem como endereço comum a negritude (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2019), a continuidade da vida, a depender da cor da pele, está sempre no campo da dúvida. A dureza das estatísticas não deixa espaço para eufemismos. Olhar para o Brasil, é mirar a perversidade de um passado que se replica sob novas roupagens: da colônia à necropolítica, vidas negras têm o preço mais barato do mercado.

"A LIBERDADE SE GANHA UM DIA POR VEZ"

É fundamental que se evite, porém, diante da dimensão dos problemas apresentados, que certo tipo de dúvida paralisante se instale em nós, uma vez que a crença de que não é possível mudar, favoreça unicamente a um sistema que não deseja ser modificado. Sabemos bem que não há cartilhas para nossa luta, assim como não há teoria que desacompanhada, abarque a pluralidade de crenças envolvidas em nossa causa. O que há é um convite à mudança, que deve partir não apenas do território idealizado do futuro, mas da materialidade de um presente em que se possa dar o primeiro passo. Em tempos nos quais a morte faz-se regra, o autocuidado passa a habitar o campo da revolução e a existência passa a ser, em si mesma, um modo de resistir.

"Não se acostume a um cotidiano violento porque essa vida não foi feita pra você. Você foi feito pra correr nos campos, pra andar de cavalo, brincar com crianças, com cachorros, velhos, flores, natureza, rios, água limpa pra beber [...]. Mas o ser humano é ambicioso, ele estragou tudo! Estragou tudo! Vamos viver. Esse é o caos, esse é o mundo em que você convive hoje. Século XXI, uma geração do século XXI. O que você vai fazer pra mudar: cruzar os braços e reclamar ou você vai ser a revolução em pessoa? [...]"

(RACIONAIS Mc's, *Fórmula Mágica da Paz*, 1997)

Diante da afirmação de que "cada geração deve, numa relativa opacidade, descobrir a sua missão, cumpri-la ou traí-la" (FANON, 1963, p. 206), encerro o presente ensaio certa de que nosso compromisso traduz-se na reinvenção da própria esperança. Se há, de um lado, uma necropolítica exercendo substanciais esforços para que as falas de Mano Brown não façam parte de um projeto realizável de vida para grande parcela da população negra, há também, negros empreendidos não unicamente no esforço de contrariar as estatísticas, mas de torná-las favoráveis aos seus: nos anos 80, a voz era tudo o que quatro meninos da periferia tinham, e então, eles cantaram. E embora isso não tenha mudado tudo, mudou muito. Que encontremos, portanto, nossa própria forma de revolucionar e garantir que, se o patrimônio da história foi para os nossos, o aban-

dono; nos implicaremos em fazer do conhecimento o caminho para uma nova herança: epistemologias negras, presentes!

"Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!

Andrada! arranca esse pendão dos ares!

Colombo! fecha a porta dos teus mares!"

(ALVES, 1868)

Nota da autora: O grupo Racionais Mc's, utilizando-se de um dos únicos direitos que lhes restava enquanto jovens, negros e pobres, a liberdade de expressão; deram seu recado: a favela tem voz e fala por si mesma. Autores de composições que influenciaram gerações e ainda hoje são hinos do povo negro, sobressaíram-se pela capacidade ímpar de gerar em seu público os sentimentos de identificação e representatividade. Como porta vozes de uma época, porém, estiveram propensos aos sérios e sistemáticos erros do tempo, como o machismo, tantas vezes presente em suas letras. Nesse sentido, tendo em vista a importância e a complexidade da temática do machismo no rap, deixo aqui salientada a importância de que novas pesquisas sejam feitas no viés indicado.

de Renato da Silveira. Salvador, EDUFBA.

FOUCAULT, Michel. (2005), *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo, Martins Fontes.

JORGE, Seu; YUKA, M.; CAPPELLETTI, U. A carne. Intérprete: Elza Soares. Do cóccix até o pescoço, Brasil: Dubas Música, 2002.

MANO Brown, um sobrevivente do inferno. Produção: Guilherme Henrique: Le Monde Diplomatique Brasil, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U_OsF4y4zuY>. Acesso em: 25 de março de 2020.

MBEMBE, A. (2016), "Necropolítica". *Arte & Ensaios*. 32: 123-151.

RACIONAIS Mc's. Holocausto Urbano. São Paulo: Zimbabwe Records: 1990.

RACIONAIS Mc's. Raio X do Brasil. São Paulo: Zimbabwe Records: 1993.

RACIONAIS Mc's. Nada como um dia após o outro dia. São Paulo: Boogie Naípe: 2002.

RACIONAIS Mc's. 1000 trutas 1000 tretas. São Paulo: Boogie Naípe: 2006.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. (2004), *Estado de Exceção*. Tradução de Iraci D. Poletti. São Paulo, Boitempo Editorial.

ALVES, Castro. (1868), *O Navio Negreiro*. Fundação Biblioteca Nacional. Portal Domínio Público, 2020. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000074.pdf>>

CARDOSO, Francilene. (2018), "RACISMO E NECROPOLÍTICA: a lógica do genocídio de negros e negras no Brasil contemporâneo". *Revista de Políticas Públicas*, 22: 949-968.

CERQUEIRA, D., LIMA, R. S., BUENO, S., NEME, C., FERREIRA, H., COELHO, D. et al. (2019). Atlas da Violência 2019. Rio de Janeiro, RJ: IPEA.

FANON, Frantz. (1963). *The Wretched on Earth*. Tradução de Constance Farrington. Nova York, Présence Africaine.

FANON, Frantz. (2008), *Pele Negra Máscaras Brancas*. Tradução

